



# NETLOG 2021

International Conference on Network  
Enterprises & Logistics Management

## Short Food Supply Chains: A Alternative for Family Farming in Brazil Cadenas Cortas de Suministro de Alimentos: Una Alternativa para la Agricultura Familiar en Brasil Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos: Uma Alternativa para Agricultura Familiar no Brasil

<sup>1</sup>Souza, A. E.\*, <sup>2</sup>Reis, J. G. M., <sup>1</sup> Abraham, E., <sup>3</sup>Costa. L. M., <sup>2</sup>Vendrametto, O.

<sup>1</sup> Universidade Paulista - UNIP, RESUP/PPGEP

<sup>2</sup> Universidade Paulista - UNIP, PPGEP

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

souza.eduaguinaldo@gmail.com\*, betomendesreis@msn.com, emerson\_abraham@yahoo.com.br  
lueducita@yahoo, oduvaldov@gmail.com

**Abstract:** Short chains are feasible alternatives for a model of distribution and commercialization of small producer production, considering their low bargaining power, when inserted in traditional agri-food chains. The studies indicated that short chains contribute to the development of their localities, through social insertion and improvement of the life of family farmers. The revaluation of the origin of the origin of production is the main strategy for the construction and success of these chains, as they refer to the cultural values of the local tradition. In addition, interpersonal relationships between producer and consumer guarantee cheaper prices, quality and food safety. Short chains, although incipient in Brazil, are an important instrument for income distribution, food security and strengthening of family farming in the country.

**Keywords.** Family Farming, Short Food Supply Chains - SFSC, Logistics.

**Resumen:** Las cadenas cortas son alternativas factibles para un modelo de distribución y comercialización de la producción de pequeños productores, teniendo en cuenta su bajo poder de negociación, cuando se insertan en las cadenas agroalimentarias tradicionales. Los estudios indicaron que las cadenas cortas contribuyen al desarrollo de sus localidades, a través de la inserción social y la mejora de la vida de los agricultores familiares. La revalorización del origen del origen de la producción es la principal estrategia para la construcción y el éxito de estas cadenas, ya que se refieren a los valores culturales de la tradición local. Además, las relaciones interpersonales entre productor y consumidor garantizan precios más baratos, calidad e inocuidad de los alimentos. Las cadenas cortas, aunque incipientes en Brasil, son un instrumento importante para la distribución de ingresos, la seguridad alimentaria y el fortalecimiento de la agricultura familiar en el país

**Palabras Clave.** Agricultura familiar, Cadenas de Suministro de Alimentos Cortos, Logística.

**Resumo:** As cadeias curtas são alternativas factíveis para um modelo de distribuição e comercialização da produção do pequeno produtor, considerando o seu baixo poder de barganha, quando inserido nas cadeias agroalimentares tradicionais. Os estudos indicaram que as cadeias curtas contribuem para o desenvolvimento de suas localidades, através da inserção social e melhora de vida dos agricultores familiares. A revalorização da procedência da origem da produção é a principal estratégia para construção e o sucesso dessas cadeias, pois remetem os valores culturais da tradição local. Além disso, as relações interpessoais entre produtor e consumidor, garantem preços mais baratos, qualidade e segurança alimentar. As cadeias curtas, ainda que incipientes no Brasil, se apresentam como um importante instrumento de distribuição de renda, segurança alimentar e fortalecimento da agricultura familiar no país.

**Palavras-chave.** Agricultura Familiar, Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos, Logística.

## 1 Introdução

A “Agenda 2030” (Desafio Fome Zero) é o principal desafio das nações em busca da soberania alimentar e a erradicação mundial da fome (UN, 2019). A fome é uma realidade mundial, permanente e crescente. A produção, o acesso e distribuição de alimentos é a principal preocupação das lideranças, principalmente nos países em desenvolvimento onde a fome e a vulnerabilidade nutricional ainda são uma realidade.

A declaração do “Ano Internacional da Agricultura Familiar” em 2014 pela Organização das Nações Unidas, delineou nas agendas nacionais a importância das políticas socioambientais em consonância com a Agenda 2030, reconhecendo a relevância que a Agricultura Familiar - AF desempenha no alcance da segurança alimentar mundial (SWAMINATHAN & KESAVAN, 2017; UN, 2019).

No Brasil cerca de 70% dos alimentos consumidos tem sua origem em estabelecimentos rurais familiares (MDA, 2019). Reconhecendo sua importância, duas ações políticas foram instituídas pelo governo do Luiz Inácio Lula da Silva sob forma de lei, o “Programa de Aquisição de Alimento - PAA” Governo Federal (2012) e a destinação de no mínimo 30% dos recursos do “Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE” sejam investidos na compra direta da AF Governo Federal (2009), que foram fundamentais para o fortalecimento da Agricultura Familiar.

Ainda assim não tem sido suficiente para o desenvolvimento pleno da AF no Brasil. A dominação dos varejistas nas cadeias de suprimentos em busca de valor, tem asfixiado o pequeno produtor rural (GAUCHER & PETITDEMANGE, 2018). O sistema agroalimentar tradicional é caracterizado por cadeias longas de abastecimentos e, portanto, um grande distanciamento entre produção e consumo, gerando produtos mais caros com a ação de vários intermediários ao longo da cadeia (DUARTE & TOMÉ, 2016).

Para Todorovic *et al.* (2018) os modelos tradicionais podem causar problemas como desperdício de alimentos, segurança alimentar, danos ambientais, distribuição injusta de valor agregado e lucros entre os membros da cadeia. A restrição de acesso a novos mercados e a obtenção de preços justos pela produção tem alijado o empoderamento financeiro do agricultor familiar, devido à pressão por grandes *players* em busca novos patamares de rentabilidade, ditado pelo modelo tradicional (DAROLT *et al.*, 2016; AGUIAR *et al.*, 2018).

Por outro lado, uma nova tendência mundial de consumo tem ensejado pela demanda de alimentos sustentáveis, que atestem sua origem, com características da cultura local e forte apelo socioeconômico e que garantam justiça social as comunidades locais, além da proteção da pequena agricultura familiar, têm atraído a atenção dos muitos consumidores (DUARTE & TOMÉ, 2016).

Nesse contexto, as novas práticas de consumo de alimentos sustentáveis culminaram no desenvolvimento das Redes Alimentares Alternativas (*Alternative Food Networks - AFN*). Uma oposição ao sistema agroalimentar tradicional, tendo como premissas o desenvolvimento de iniciativas locais, emprego de insumo das propriedades locais, baixa escala de produção e com foco na qualidade em detrimento da alta produtividade (PIVOTO *et al.* 2016).

Partindo desses pressupostos, o estudo visa apresentar Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos (*Short Food Supply Chains - SFSC*) como alternativa para o desenvolvimento sustentável da produção agrícola familiar no Brasil. Por conseguinte, podendo contribuir para melhor distribuição de renda e a redução da desigualdade social no País. Para tal, optou-se por uma pesquisa descritiva de caráter exploratório.

Este estudo foi organizado em cinco seções incluindo a introdução. A segunda seção descreve a metodologia de pesquisa aplicada. Na terceira é apresentada uma abordagem das cadeias tradicionais e cadeias curtas. Em seguida é discutido alguns casos de cadeias curtas bem-sucedidas no Brasil e no Exterior. Por fim, constam as considerações finais acerca da pesquisa e as referências.

## **2 Metodologia**

Visando atender os objetivos desse estudo, optou-se por uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. Inicialmente para revisão literária, foi realizado um levantamento de dados nas principais bases de consultas de trabalhos científicos (ScienceDirect, Scopus, IEEE, Scielo, Google Acadêmico, Portal de Periódicos da CAPES). Em seguida buscou explorar conceitos e as principais contribuições do modelo de SFSC na Agricultura Familiar no Brasil através de três estudos de casos

A pesquisa foi realizada em três etapas. Inicialmente foram selecionados três estudos de casos de cadeias curtas em atividade, sendo duas no Brasil e uma na Itália. Em seguida, buscou-se analisar características e estrutura operacional de cada uma delas. Por fim, traçou-se um paralelo entre os modelos, a fim de identificar as possíveis contribuições para o escoamento da produção da Agricultura Familiar.

## **3 Referencial Teórico**

Nessa seção buscou demonstrar a diferença conceitual das Cadeias de Suprimentos - CS e as Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos - CCAA. Vale ressaltar que o objetivo não é “demonizar” as CS e seu papel relevantes na logística de abastecimento mundial. O que se pretende é apontar os impactos socioeconômicos das cadeias curtas alimentares para o pequeno agricultor familiar brasileiro.

### **2.1 Cadeia de Suprimentos**

A logística é um processo de gestão estratégica que contribui para maximização da rentabilidade, visando custo-benefício, através das atividades de movimentação e armazenagem de materiais, gerenciamento de estoques, por meio dos fluxos de informações relacionados. A cadeia de suprimentos baseia-se nessa estrutura em busca da articulação de processos considerando fornecedores, clientes e a organização entre si (CHRISTOPHER, 2011).

O termo Cadeia de Suprimentos - CS (*Supply Chain - SC*), tem sido usado como definição dos “*relacionamentos empresariais realizados com intuito de atender aos requerimentos dos consumidores*” (REIS *et al.* 2015). Ou seja, a cadeia de suprimentos tradicional (Fig. 1) pode ser definida como processos que envolvem várias atividades desde pontos de produção (matéria-prima) até pontos de consumo (produto acabado).

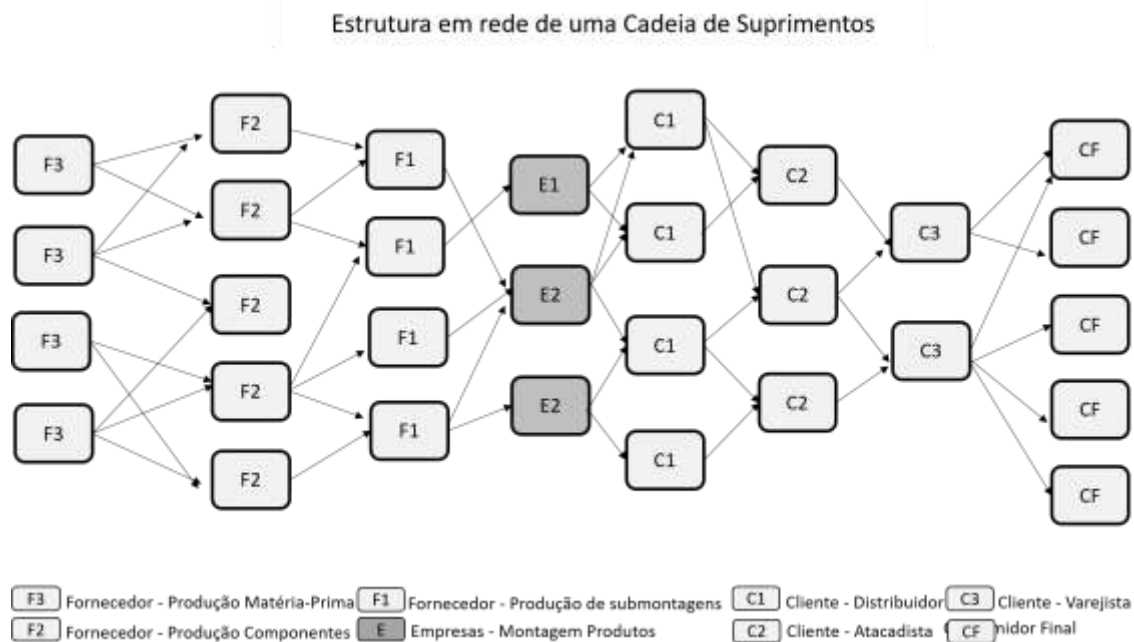


Figura 1 - Cadeia de Suprimentos. Fonte: Adaptado Christopher (2011); Reis *et al.* (2015)

Na Figura 1 a CS é representada por vários agentes que são conectados por atividades logísticas que tem por finalidade entregar valor (produto/serviço) ao consumidor final. Este por sua vez, remunera toda a cadeia, que redistribui parte financeira aos atores conforme participação na cadeia (REIS *et al.* 2015).

Para Chopra & Meindl (2011), uma gestão eficiente da CS pode proporcionar importante vantagem competitiva em relação aos concorrentes. O autor assevera que a vantagem competitiva está alicerçada na capacidade da organização em se destacar perante os seus clientes e concorrentes, operando com custos baixos, obtendo maior lucro.

Apesar disso, Christopher (2011) avalia em seus apontamentos que, a gestão da cadeia de suprimentos deve se concentrar no gerenciamento das relações, com intuito de alcançar resultados mais lucrativo para todos os *players* da cadeia. No entanto, o autor propõe que a “gestão da cadeia de suprimentos” seja suprimida pelo termo “gestão da cadeia de demanda”, refletindo a necessidade de ser impulsionada pelo mercado e não por fornecedores. E que o termo “cadeia” seja substituído por “rede”, pelo fato de existir vários fornecedores (fornecedores dos fornecedores) e clientes (clientes dos clientes).

## 2.2 Cadeias Curtas de Abastecimento de Alimentos

O novo paradigma de consumo em busca por alimentos de maior qualidade nutricional e produção baseada em critérios agroecológicos, tem gerado um movimento mundial de abordagem crítica ao modelo vigente de produção, processamento e distribuição. Esse movimento tem provocado o surgimento das redes alimentares alternativas Pivoto *et al.* (2016), em substituição ao modelo atual de produção e distribuição

As redes alimentares que envolvem uma maior relação entre produtores e consumidores, conhecidas como cadeias curtas de abastecimento de alimentos ou cadeias agroalimentares curtas, tem sido objeto de estudo por diversos pesquisadores Wilkinson (1999), Marsden *et al.* (2000), Renting *et al.* (2003), Scarabelot & Schneider (2012), Galli, & Brunori (2013), Darolt *et al.* (2016), Pivoto *et al.* (2016),

Pozzebon *et al.* (2017), Aguiar *et al.* (2018), Gaucher & Petitdemange (2018) Mancini *et al.* (2019) em âmbito global, nas últimas décadas.

O foco no relacionamento produtor/consumidor é a principal característica das cadeias curtas (Wilkinson, 1999). O modelo propõe uma relação direta entre o produtor e consumidor, reduzindo o número de intermediários e a distância entre produção e a mesa (GALLI, & BRUNORI, 2013).

Para alguns especialistas segundo Darolt *et al.* (2016), a distinção entre canais curtos e longos de distribuição de alimentos, está diretamente ligado ao número de intermediários que operam entre a produção e o consumo. No entanto, o número de atravessadores não deve ser a única variável a ser observada. As cadeias curtas transcendem o aspecto espacial de proximidade, permitindo uma reconexão entre produtor e consumidor de modo a suprir suas necessidades (SCARABELOT & SCHNEIDER, 2012).

Marsden *et al.* (2000) observam a cadeia curta como uma rede carregada de fatores socioculturais como vínculo social com a localidade e propriedade; nova relação produtor/consumidor na origem dos alimentos; desenvolvimento de relações baseada em preço justo e qualidade (sustentabilidade) e fortalecimento do vínculo entre o consumidor e o produto.

Renting *et al.* (2003) apontam três principais tipos de SFSC quanto ao modelo de comercialização. 1) venda direta, onde a relação produtor/consumidor está pautada no relacionamento interpessoal e confiança; 2) proximidade espacial, a produção local é conhecida e valorizada pelos consumidores da própria região; 3) proximidade espacial estendida, a confiança é transmitida a consumidores de outras localidades com garantias de procedência e qualidade (selo de qualidade, certificado etc.).

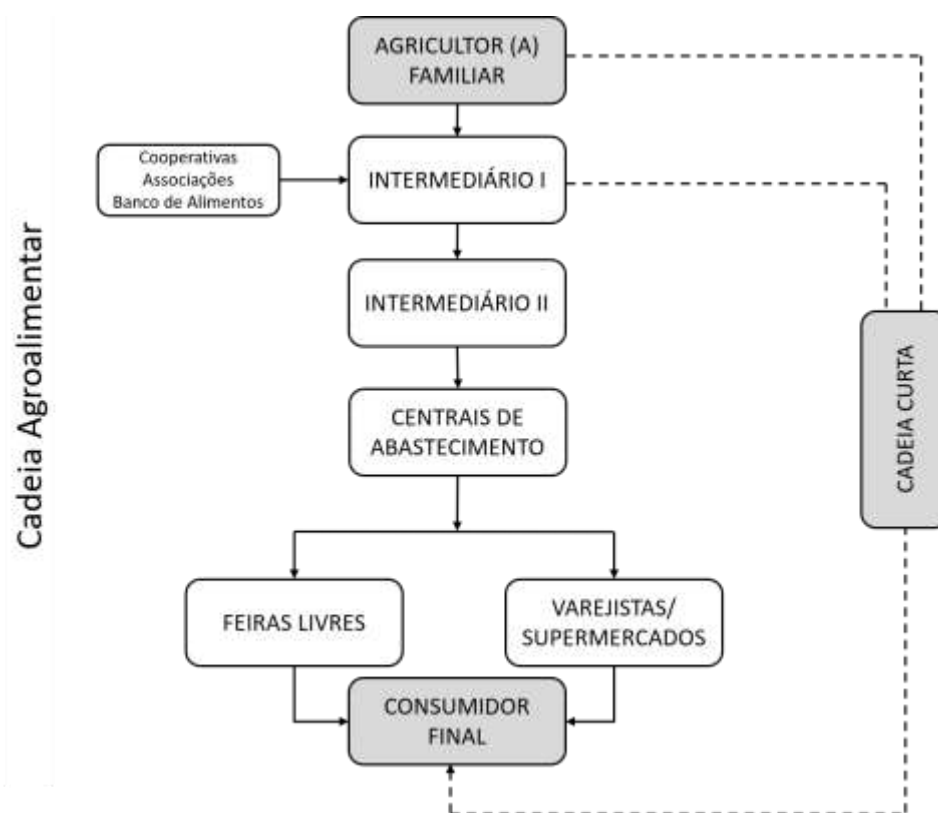


Figura 2 - Cadeia Agroalimentares Longas v Cadeia Agroalimentares Curta. Fonte: Adaptado Scarabelot e Schneider (2012); Darolt *et al.* (2016); Aguiar *et al.* (2018)

A Figura 2 apresenta de forma resumida, uma estrutura de cadeia longa e curta. O que se observa nos circuitos longos (CS) é o baixíssimo poder de barganha do agricultor familiar, que é pressionado ao longo de toda a cadeia pelos intermediários. Tradicionalmente, a feira livre era o principal canal de venda de produtos hortifrutigranjeiros. Contudo, com a expansão das redes de supermercadistas, os grandes varejistas tornaram-se o principal canal de comercialização desses produtos. Exercendo assim, maior poder de barganha ao longo da cadeia, sobre preço, prazo e volume.

Por outro lado, as cadeias curtas, primam pela ligação direta do agricultor ao consumidor final, com o mínimo de intermediário possível. Possibilitando ao produtor o acesso a novos mercados, preços mais justos pela sua produção, e por conseguinte, o desenvolvimento econômico e social de suas comunidades (AGUIAR *et al.* 2018). No entanto, canais de comercialização como cooperativas, associações de agricultores e bancos de alimentos, podem ser consideradas como intermediários.

Como ressaltaram Scarabelot e Schneider (2012), a adoção da cadeia curta permite mitigar dois principais problemas defrontados pelos agricultores. A forte tendência mundial por alimentos mais saudáveis, vinculados a produção agroecológica e o custo da produção. No modelo tradicional, a produção em alta escala faz com que o produtor busque a adoção de novas tecnologias. No entanto, apesar do ganho de produtividade em decorrência do uso de novas tecnologias, a renda não acompanha o aumento dos custos da produção em decorrência da adoção de novas tecnologias.

Ainda dentro do contexto de consumo com forte apelo a produção agroecológica, Goodman (2003) expõe a preocupação em relação a qualidade de alimentos associado a segurança alimentar. O autor tece críticas ao modelo tradicional de produção, processamento e distribuição e destaca a necessidade de alternativas factíveis de substituição aos modelos de produção e consumo vinculados as cadeias agroalimentares longas.

#### **4 Resultados**

Essa seção foi organizada com os principais resultados de três estudos de casos referente a implantação de cadeias curta e seus benefícios. Sendo dois no Brasil e um na Itália, conforme segue:

**Estudo de caso 1** - As Cadeias Agroalimentares Curtas e Desenvolvimento Local - Um Estudo de Caso no Município de Nova Veneza/SC (SCARABELOT & SCHNEIDER, 2012).

O estudo apresenta a construção de um modelo de cadeia curta relacionado a produtos alimentares da agricultura familiar do município de Nova Veneza, no estado de Santa Catarina. A pesquisa foi compilada a partir de um grupo de 83 famílias dedicadas atividades de produção, processamento e vendas de produtos diversos, direcionados para mercados locais e regionais. Tendo como destaque os “farinheiros”, grupo de quatro produtores responsáveis por toda a cadeia produtiva da farinha de milho (plantio, processamento, embalagem e comercialização).

Após processamento e empacotamento, a farinha é comercializada na própria propriedade do produtor, na loja da cooperativa e outros pontos de vendas fora do local de produção. A comercialização da farinha é um exemplo concreto da valorização da agricultura local, tema central das cadeias curtas. Nesse caso, os consumidores de outras localidades reconhecem o produto pela embalagem, e o valoriza pela conexão com o nome de Nova Veneza, remetendo-o a qualidade, confiança e tradição.

Portanto, o estudo evidenciou a importância da cadeia agroalimentar no desenvolvimento socioeconômico da localidade. Além disso, apurou que o resgate das tradições e cultura local é determinante para valorização dos produtos, como explica as autoras “*suas atividades de produção e vendas alicerçadas em processos legais, porém com uma proposta de maior vinculação à tradição local e aos consumidores*”.

**Estudo de caso 2** - Mercado de Cadeias Curtas na Pecuária Familiar: Um Processo de Relocalização no Território Alto Camaquã no Sul no Rio Grande do Sul (MATTE *et al.*, 2016)

O estudo observou a formação de Cadeia Curta de produção e comercialização da carne de cordeiro no estado do Rio Grande do Sul, enquanto uma estratégia de valorização do local. Para isso, foi criando uma marca coletiva dos produtos do território Alto Camaquã. As estratégias da cadeia são definidas em conjunto por diferentes atores (trabalhadores rurais, prefeituras locais, Embrapa e Emater6).

A carne de cordeiro é comercializada na própria na própria região, em um mercado “construído socialmente” com a participação efetiva dos pecuaristas. O produto dispõe de vários atributos e valores relacionados a localidade. Nem todos os consumidores conhecem local e território de produção. No entanto, segundo os autores “*de alguma forma, reconhecem o modo de produção e as características que diferenciam o alimento*”.

A cada semana uma associação é responsável pela comercialização dos animais. Seus produtores reúnem os animais, que são pesados e levados diretamente para um frigorífico específico. Nesse processo as prefeituras dos municípios envolvidos subsidiam o transporte para as associações. O preço de venda é praticado acima do valor estipulado pelo mercado convencional, de forma a agregar maior valor ao produtor, gerando maior empoderamento econômico.

**Estudo de caso 3** - A dinâmica dos Canais Curtos de Comercialização: O Caso do Projeto Campagna Amica na Itália (ANJOS & CALDAS, 2017).

O projeto Campagna Amica é uma das principais experiências de Cadeia Curta consolidada na Europa. Criada em decorrência de demandas Coldiretti (Confederação Sindical Agrária Italiana), a Campagna Amica foi criada com intuito de reconstrução da aproximação das relações entre produtores e consumidores, que se desenvolve dentro de mercados de venda direta de produtos agroalimentares.

Presente a mais de sete mil pontos de venda por toda Itália, a Campagna Amica é uma marca que tem como principal estratégia de comercialização a garantia de padrão de excelência dos produtos agroalimentares, através de seu selo nacional. A rede de venda direta é configurada em oito segmentos: mercados; fazendas; agroturismo; lojas; bodega italiana; restaurante; horto urbano e grupo de compras e oferta, onde comercializam diversos produtos agrícolas, todas com a marca Campagna Amica. Para fazer parte dessa rede, produtores membros da Coldiretti aderem a marca Campagna Amica a fim de comercializarem seus produtos “*genuinamente italianos*”.

Alguns dos modelos de comercialização são descritos pelos autores, tais como as “fazendas Campagna Amiga”, são estabelecimentos rurais credenciados pela Coldiretti onde os agricultores realizam a venda direta de seus produtos a consumidores que são capazes de localizar fazenda mais próxima de onde vive. Estimulando assim a interação face a face, reconstruindo a relação produtor/consumidor.

Nas “lojas Campagna Amica”, as quais são gerenciadas individualmente ou por associados, são vendidos produtos próprios e, ou de outros agricultores participantes da rede. Nesse caso, os produtos de terceiros são certificados e assegurados, garantindo a qualidade de origem italiana a preços aceitáveis.

O “agroturismo Campagna Amica”, visa promover e valorizar o ambiente rural italiano. O projeto agroturismo encampado pela associação Terranostra, presta consultoria e formação para os empresários agrícolas, garantindo serviços de qualidade a consumidores que estejam dispostos a essa modalidade de turismo.

Já nas “bodegas italianas”, são comercializados produtos de cadeias agrícolas controladas pela Coldiretti, onde são auditadas por certificadoras terceirizadas que fornecem os selos de qualidade e procedência dos produtos vendidos. Esses estabelecimentos lembram mercados gourmet com um forte apelo à nacionalidade, localidade, originalidade e singularidade. Além disso, oferece uma variedade de artigos agroindustriais de procedência certificada.

Por sua vez, os “grupos de compras e oferta” apresentam formas inovadoras de aquisição de alimentos. São compras realizadas coletivamente e redistribuídas entre os participantes. Os autores destacam que o modelo baseado no princípio de “*economia solidária, do consumo ético e da sustentabilidade, priorizando, no último caso, os que foram produzidos de forma ecológica*”.

A Campagna Amica apresenta 1.228 mercados, 6.195 pontos de venda e 140 bodegas, portanto, uma rede consolidada que tem como principal estratégia o forte apelo a nacionalidade e a tradição (*Made in Italy*) por todo território italiano.

## 5 Discussão

Com a análise dos modelos de AFN nos três estudos de caso, foi possível observar semelhanças em suas estruturas, de acordo com as principais características de Cadeias Curtas apresentadas na revisão literária desse estudo (Tab. 1).

Tabela 1 – Características de Cadeias Curtas. Fonte: Adaptado Wilkinson (1999); Marsden *et al.* (2000); Renting *et al.* (2003); Galli & Brunori (2013); Darolt *et al.* (2016)

<b>Autores</b>	<b>Principais características</b>	<b>Caso 1</b>	<b>Caso 2</b>	<b>Caso 3</b>
Wilkinson	Foco no relacionamento produtor/consumidor	x	x	x
Renting <i>et al.</i>	Venda direta (Face to face); Proximidade espacial; Proximidade espacial estendida	x	x	x
Marsden <i>et al.</i>	Vínculo social com a localidade; Relação produtor/consumidor baseado na origem dos alimentos; Preço justo	x	x	x
Galli & Brunori Darolt <i>et al.</i>	Número mínimo de intermediários; Menor distância entre o produtor e o consumidor	x	x	x
Aguiar <i>et al.</i>	Desenvolvimento econômico e social de suas comunidades produtoras	x	x	x
Renting <i>et al.</i>	Relocalização, Respacialização e Reconexão	x	x	x

Cada modelo de cadeia apresentou suas próprias dimensões relacionadas a cultura local, características produtivas, portfólio de produtos e perfil de consumo, de acordo com a localidade onde está inserida.

Apesar das características estruturais e logísticas de maior ou menor escala das três redes apresentadas, o que se observa são as similaridades entre si, relacionada aos conceitos de definição de Cadeias Curtas, corroborando assim como uma gama de estudos (Tab. 1).

Todas as cadeias apresentaram um forte apelo a tradição e a cultura local, transformando esses tributos em garantias de qualidade e procedência. Além disso, o vínculo social e a reconexão entre produtor e consumidor são muito latentes (RENTING *et al.*, 2003). No que se refere aos canais de comercialização



há um alinhamento em três perspectivas sendo a venda direta (*face a face*) a principal conexão comercial (RETING *et al.*, 2003).

Outro pilar de sustentação dos modelos analisados, foram as estratégias voltadas para o desenvolvimento socioeconômico das regiões produtoras Aguiar *et al.* (2018). Observou-se que nos casos analisados, as Cadeias Curtas trouxeram uma oportunidade de diversificação na produção, agregando valor aos produtos e gerando receitas mais estáveis para os produtores Marsden *et al.* (2000), através de uma rede com o mínimo de intermediários (atravessadores) Galli & Brunori (2013), Darolt *et al.* (2016), com o foco no consumidor final (WILKINSON, 1999).

## 6 Conclusões

O Objetivo desse estudo não foi demonizar as cadeias agroalimentares tradicionais, que tem importância e reconhecimento no abastecimento e consumo alimentar mundial. O que se propôs, dentro do contexto da agricultura familiar, foi apresentar alternativas para um modelo de distribuição da produção do pequeno produtor, considerando o seu baixo poder de barganha, quando inserido nas cadeias agroalimentares tradicionais.

Em que pese aspectos temporal e espacial das cadeias curtas e suas especificidades, os estudos indicam que todas elas contribuem para o desenvolvimento de suas localidades, ao produzirem alimentos com qualidade diferenciadas, associados a identidade cultural, há um movimento de inserção social e melhora de vida dos agricultores familiares. A revalorização da procedência de origem da produção, é a principal estratégia para construção e o sucesso das cadeias curtas, pois remete os valores culturais da tradição local (GOODMAN, 2003).

As relações interpessoais entre produtor e consumidor, garantindo o compromisso constante entre eles, referente a preços mais baratos, qualidade e segurança alimentar, também é um fator determinante para uma cadeia curta sustentável.

Ademais, a gestão é fundamental para desenvolvimento, expansão e consolidação das cadeias agroalimentares curtas, vinculada a uma ação conjunta, com o poder público, sociedade civil e setor privado (SCARABELOT & SCHNEIDER, 2012). Nesse sentido, o mercado de compra institucional (PAA, PNAE) é de grande relevância para a sustentabilidade das cadeias curtas no Brasil.

Diante da realidade socioeconômica brasileira, as cadeias curtas, ainda que incipientes no Brasil, se apresentam como um importante instrumento de distribuição de renda, desenvolvimento socioeconômico, segurança alimentar e fortalecimento da agricultura familiar no país.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## References

Anjos, Flávio Sacco dos, e Nádia Velleda Caldas. (2017). “A dinâmica dos canais curtos de comercialização: o caso do Projeto Campagna Amica na Itália”. *Sociedade e Estado* 32 (3): 771–92. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.32030010>.

Aguiar, Luane da Conceição, Mauro Eduardo Del Grossi, e Karim Marini Thomé. (2018). “Short food supply chain: characteristics of a family farm”. *Ciência Rural* 48 (5). <https://doi.org/10.1590/0103-8478cr20170775>.

- Chopra, S., & Meindl, P. (2011). *Gestão da cadeia de suprimentos: estratégia, planejamento e operações*. São Paulo: Pearson. OCLC: 940087393.
- Christopher, M. (2011). *Logística e gerenciamento da cadeia de suprimentos*. São Paulo: Cengage Learning.
- Darolt, Moacir Roberto, Claire Lamine, Alfio Brandenburg, Maria De CléOfas Faggion Alencar, e Lucimar Santiago Abreu. (2016). “Alternative Food Networks and New Producer-Consumer Relations in France and in Brazil”. *Ambiente & Sociedade* 19 (2): 1–22. <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC121132V1922016>.
- Duarte, Sthefane Cristina de Lima, e Karim Marini Thomé. (2016). “Short food supply chain: estado da arte na academia brasileira”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2016. <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/575>.
- Galli, Francesca, e Gianluca Brunori. (2013). *Short Food Supply Chain as drivers of sustainable development. Evidence Document developed in the framework of the FP7 project FOODLINKS (GA No. 265287)*. Itália: Laboratorio di studi rurali Sismondi.
- Gaucher-Petitdemange, Lorraine Berenice. (2018). “Short Food Supply Chain Initiatives and Their Potential For Sustainability In São Paulo State - Dissertação (MPGI) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo.” São Paulo/SP: Fundação Getúlio Vargas.
- Goodman, David. (2003). “The Quality ‘Turn’ and Alternative Food Practices: Reflections and Agenda”. *Journal of Rural Studies* 19 (1): 1–7. [https://doi.org/10.1016/S0743-0167\(02\)00043-8](https://doi.org/10.1016/S0743-0167(02)00043-8).
- Governo Federal. (2009). “Lei 11.947”. Federal Government Plateau - Civil House. 2009. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm).
- Governo Federal. (2012). “Decreto nº 7775”. 2012. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/decreto/d7775.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7775.htm).
- Mancini, Maria, Davide Menozzi, Michele Donati, Beatrice Biasini, Mario Veneziani, e Filippo Arfini. (2019). “Producers’ and Consumers’ Perception of the Sustainability of Short Food Supply Chains: The Case of Parmigiano Reggiano PDO”. *Sustainability* 11 (3): 721. <https://doi.org/10.3390/su11030721>.
- Matte, Alessandra, Márcio Zamboni Neske, Marcos Flávio Silva Borba, Paulo Dabdab Waquil, e Sergio Schneider. (2016). “Mercado de cadeias curtas na pecuária familiar: um processo de realocação no território Alto Camaquã no Sul do Rio Grande do Sul/Brasil”. *Redes* 21 (3): 137–58. <https://doi.org/10.17058/redes.v21i3.5578>.
- Marsden, Terry, Jo Banks, e Gillian Bristow. (2000). “Food Supply Chain Approaches: Exploring Their Role in Rural Development”. *Sociologia Ruralis* 40 (4): 424–38. <https://doi.org/10.1111/1467-9523.00158>.
- MDA, Ministry of Agrarian Development. (2019). “Secretariat of Family Farming and Cooperatives”. 2019. <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-paa/sobre-o-programa>.
- Pivoto, Dieisson, Giana de Vargas Mores, Roberto Fray da Silva, e Caroline Pauletto Spanhol Finocchio. (2016). “Cadeias Curtas de Suprimentos de Alimentos: Uma Oportunidade para os Produtores Rurais?”. [https://www.researchgate.net/publication/304893058\\_Cadeias\\_curtas\\_de\\_suprimentos\\_de\\_alimentos\\_uma\\_oportunidade\\_para\\_os\\_produtores\\_rurais](https://www.researchgate.net/publication/304893058_Cadeias_curtas_de_suprimentos_de_alimentos_uma_oportunidade_para_os_produtores_rurais).
- Pozzebon, Luciana, Anelise Graciele Rambo, e Marcio Gazolla. (2017). “As Cadeias Curtas das Feiras Coloniais e Agroecológicas: Autoconsumo e Segurança Alimentar e Nutricional”. *Desenvolvimento em Questão* 16 (42): 405. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2018.42.405-441>.
- Reis, J. G. M. d., Neto, M.M., Vendrametto, O., & Neto, P. L. d. O. C. (2015). *Qualidade em Redes de Suprimentos – A Qualidade aplicada ao Supply Chain Management*. São Paulo: Atlas.

Renting, Henk, Terry K Marsden, e Jo Banks. (2003). “Understanding Alternative Food Networks: Exploring the Role of Short Food Supply Chains in Rural Development”. *Environment and Planning A: Economy and Space* 35 (3): 393–411. <https://doi.org/10.1068/a3510>.

Scarabelot, Maristela, e Sérgio Schneider. (2012). “As Cadeias Agroalimentares Curtas e Desenvolvimento Local – Um Estudo de Caso no Município de Nova Veneza/SC”. *Revista Faz Ciência* 14 (19): 101.

Swaminathan, M. S., e Kesavan, P. C. (2017). 2014 International Year of Family Farming: A Boost to Evergreen Revolution. World Scientific. <https://doi.org/10.1142/10279>.

Todorovic, Vladimir, Marinko Maslaric, Sanja Bojic, Maja Jokic, Dejan Mircetic, e Svetlana Nikolicic. (2018). “Solutions for More Sustainable Distribution in the Short Food Supply Chains”. *Sustainability* 10 (10): 3481. <https://doi.org/10.3390/su10103481>.

UN, United Nations Organization. (2019). “Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development.” Sustainable Development Knowledge Platform. <https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld>.

Wilkinson, John. (1999). “Cadeias Produtivas para Agricultura Familiar”. *Revista de Administração da UFLA*.